

**A VARIÁVEL (R) EM FINAL DE PALAVRA
NO BAIRRO VÁRZEA, MUNICÍPIO DE LAGOA SANTA-MG**

Diogo W. Vilaça (UFMG)
diovilaca@yahoo.com.br

1. Introdução

Esta pesquisa está inserida no projeto Varfon-Minas – Variação fonética e fonológica em Minas Gerais. Delimitamos como objeto dessa pesquisa análise a variável (R) em final de palavra no bairro de Lagoa Santa/MG. Essa proposta surgiu a partir de observações assistemáticas da linguagem usada por alguns falantes do município de Lagoa Santa-MG. Observamos que, quando o contexto seguinte é consoante ou pausa, há realização do (R) ora como retroflexo, ora como fricativo, e ora há o seu apagamento.

Assumimos aqui o pressuposto da teoria da variação e mudança linguística, segundo Labov (1972). Para o autor, identificar a variação existente na língua de uma determinada comunidade é importante, mas, além disso, é preciso que se identifiquem as condições em que a variação se apresenta, ou seja, os fatores favorecedores da variação, que podem ser de natureza linguística e de natureza social. Para que os fatores favorecedores de um fenômeno de variação linguística observados numa determinada comunidade sejam identificados, faz-se necessário analisar quantitativamente dados de fala dessa comunidade. Através dessa análise, observa-se, então, o comportamento das formas variantes, frequência (e/ou probabilidade) de uso de cada uma, considerando-se a atuação de cada fator favorecedor da variação. Para Labov (1972), durante o período em que duas (ou mais) formas coexistem, ou seja, em que se verifica um processo da variação, tal processo pode se apresentar como mudança em progresso ou variável estável.

Segundo Mollica (2007),

As variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança quando uma das formas desaparece. Neste caso, as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso. (MOLLICA, 2007, p. 11)

Tarallo (1985) dedica um capítulo à variação e mudança linguística, com ênfase no aspecto mudança em progresso. Personifica as variantes como seres em um campo de batalha lutando por sua sobrevivência.

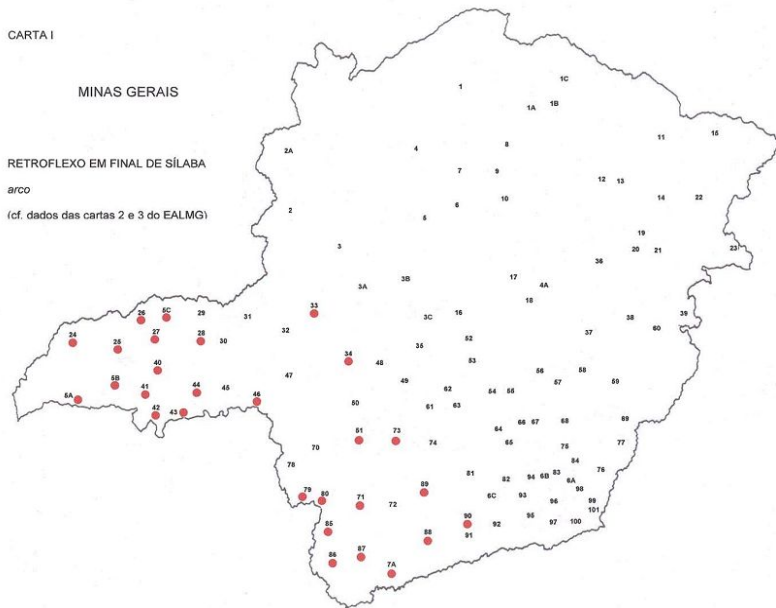
Os resultados de análises de variantes apontam, de maneira geral, para duas direções distintas: 1.a estabilidade das adversárias que culminará em uma “relação de contemporização” pela subsistência e / ou coexistência das variantes. 2.a mudança em progresso que reflete uma situação de duelo de morte entre as variantes. (TARALLO, 1985, p. 12)

Analizamos a variável (R) em final de palavra em situações de fala no Bairro Várzea do município de Lagoa Santa, região Central de Minas Gerais. Embora esse município não esteja localizado na área que possui a realização do erre retroflexo em Minas Gerais, conforme Ribeiro et alii (1977), observações assistemáticas mostram que há essa realização em Lagoa Santa. Silva (2008) descreve as possíveis realizações fonéticas do | R | em Belo Horizonte, região central, e Pará de Minas, região Centro-Oeste de Minas. Vejamos:

Note que em Belo Horizonte ocorre o segmento [h] em posição final de sílaba e neste mesmo contexto ocorre o tepe [r] em São Paulo. Lembramos que há o contraste fonêmico em posição intervocálica entre [h] e [r] (cf. “caro/carro”) sendo que [h] relaciona-se ao “R” forte e [r] relaciona-se ao “r fraco”. O “R forte” varia consideravelmente no português brasileiro e o representamos por /R/ sendo que este segmento sempre ocorre no início da sílaba. O tepe é sempre representado por [r]. A perda de contraste fonêmico entre o “R forte” e o “r fraco” é *neutralizada* no português em posição de final de sílaba. Isto quer dizer que neste contexto pode ocorrer foneticamente segmento correspondente ao “R forte” ou o “r fraco”. Neste contexto-de posição final de sílaba- utilizamos o arquifonema /R/ para representar fonemicamente o “R pos-vocálico”. O arquifonema /R/ ocorre somente em posição final de sílaba-seja em meio de palavra (cf. carta) ou em final de palavra (cf. mar). Como dissemos anteriormente, há contraste fonêmico entre o “R forte” e “r fraco” apenas em posição intervocálica (cf. “caro/carro”). [...]

Em todos os dialetos do português haverá o contraste fonêmico em posição intervocálica entre o “r fraco” e o “R forte” (cf. “caro/carro”). Este contraste fonêmico pode manifestar-se pelo número de vibrações da língua na articulação do seguimento consonantal: vibrante simples em “caro” [‘karʊ] e vibrante múltipla em “carro” [‘karʊ]. Alternativamente o “R forte” pode manifestar-se como uma consoante fricativa [ç, x, h, fi] ou retroflexa [ɻ]. Seguindo consoante tautossilábica (na mesma sílaba), também temos o “r fraco” para qualquer dialeto (cf. “cravo, primo”). O “r fraco” se manifestará foneticamente como um tepe ou vibrante simples em todos os dialetos do português. A variação linguística ocorre de maneira bastante ampla nos demais contextos em que o “R forte” ocorre. (SILVA, 2008, p. 160). [...]

Estudiosos da língua, comumente se referem à variante retroflexa como erre caipira e sua ocorrência, em maior escala, se dá em cidades do interior paulista e do Sul, Sudoeste e Oeste de Minas Gerais, conforme pode se observar no mapa, a seguir.



Fonte: EALMG – Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et alii, 1977)

As bolinhas vermelhas mostram a distribuição do erre retroflexo em Minas Gerais. A ocorrência do retroflexo na palavra “arco” é atestada em 28 localidades. Esses pontos configuram uma área contínua no Sul do Estado de Minas Gerais, região limítrofe com São Paulo, e outra no extremo Oeste, na região do Triângulo Mineiro, contígua ao Norte do Estado de São Paulo.

O município citado por Silva (2008), como tendo a realização do erre retroflexo, Pará de Minas, região centro-oeste, estaria inserido na área descrita para realização do erre retroflexo citado no mapa anterior. O município de Lagoa Santa, região central, não estaria inserido na área descrita para erre retroflexo no referido mapa (ver localização de Lagoa Santa no **Anexo 1**).

Levando-se em consideração o fator distância, nota-se evidente a proximidade que existe entre as cidades de Lagoa Santa e Belo Horizonte. Esses municípios distam apenas 37 quilômetros um do outro. Em Belo Horizonte, de acordo com Silva (2008), não há realização retroflexa do erre. Chama-nos a atenção assim a realização retroflexa do erre em Lagoa Santa, cuja ocorrência normalmente se daria nas regiões do Sul e Sudoeste mineiro e em alguns municípios do interior paulista. Mas, como já dissemos, o erre retroflexo se apresenta em situações comuns de fala na comunidade do bairro Várzea em Lagoa Santa.

A literatura mostra que em português brasileiro, a variante retroflexa da variável (R) ocorre com mais frequência no interior de São Paulo e no Sul de Minas Gerais. Sua ocorrência no bairro Várzea, em Lagoa Santa, se distancia geograficamente das regiões acima denominadas, isso gera, ao mesmo tempo, estranheza e proximidade. Estranheza, pois Lagoa Santa não é citada como município que possui a variante retroflexa em mapas dialetais de Minas Gerais; proximidade, pois à medida que se observa a história do município, nota-se semelhança em muitos aspectos com o relato histórico das áreas em que há descrição do retroflexo.

2. Estudos relacionados ao erre retroflexo

Estudos sobre as realizações do erre têm sido numerosos. Citamos apenas alguns trabalhos que fazem uma abordagem sobre as realizações da variante em sua forma retroflexa: Castro (2006); Ferraz (2005); Leite (2004); Amaral (1976); Aquino (2005); Silva (2008); Cohen (2007); Oliveira (1997); Pescatori (2007); Ramos (1997); Rennie (2010).

Amaral (1976), em *O Dialeto Caipira*, descreveu em detalhes a língua portuguesa falada no Brasil, mostrando peculiaridades, tanto na prosódia, quanto na realização fonética de um dialeto que era pronunciado em quase toda São Paulo, alcunhado por ele de “caipira”¹.

Antes de tudo, deve notar-se que a prosódia caipira (tomando o termo prosódia numa acepção lata, que também abranja o ritmo e musicalidade da linguagem) difere essencialmente da portuguesa. O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas

¹ Conforme dados da Wikipédia, esse termo provém da língua tupi (ka'apir ou kaa-pira, que significa “cortador de mata”). É o nome que os indígenas guaianás do interior do Estado de São Paulo, no Brasil, deram aos colonizadores brancos, caboclos, mulatos e negros.

que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa. (AMARAL, 1976, p. 45)

Na seção *Os fonemas e suas alterações normais*, o autor faz uma descrição técnica de realização da variante retroflexa do erre e, simultaneamente, enfatiza-a como sendo um dos aspectos linguísticos que contribuiu, veementemente, para a caracterização do falar caipira. O autor contextualiza a variante e descreve-a conforme os parâmetros linguísticos estabelecidos para a sua realização fonética.

r inter e pós-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguopalatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r “caipira” assemelha-se bastante ao r inglês pós-vocálico. É muito provavelmente, o mesmo r brando dos autóctones. Estes não possuíam o RR forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema. (AMARAL, 1920, p. 47 e 48).

É interessante observarmos que, segundo o autor, os indígenas não pronunciavam o RR forte ou vibrante.

2.1. Estigma referente ao / R / retroflexo

Há na sociedade brasileira um forte preconceito linguístico que envolve diversos falares. Ramos (1997) em estudo intitulado *Avaliação de dialetos brasileiros: O Sotaque* discute a questão da aceitação ou não aceitação do falante em se adotar como língua padrão o seu próprio dialeto ou o dialeto rural no português brasileiro. Os dados apurados revelaram preconceito linguístico por parte dos informantes em variados graus, conforme tabela e citação seguinte:

Tabela 1: Avaliação, por estado, do dialeto rural como padrão brasileiro

	SC		MG		PB		RS		RJ	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Favorável	4	7	2	3.7	1	1.6	3	5	00	0
Desfavorável	45	80.6	45	84.8	55	88.6	51	84.6	53	78.4
Total	57		53		62		59		62	

É consensual a rejeição do dialeto rural como padrão/ modelo de fala no Brasil: acima de 78% em todos os estados. A porcentagem de a-

ceitação tem em Santa Catarina seu índice máximo (7%) e seu índice mínimo no Rio de Janeiro (0%). (RAMOS, 1997, p. 108).

As afirmações seguintes estabelecem uma comparação entre o índice de aceitação dos diferentes sotaques:

O dialeto mineiro e o paraibano são os menos aceitos, respectivamente, 6,5% e 7%. Muito próximo está o dialeto carioca (8,5%). Há vinte anos, a aceitação desse último era maior (19,9%, cf. Almeida, 1979:273), o que possivelmente indica perda do estatuto de capital cultural do país por parte da cidade do Rio de Janeiro. Ainda bastante próximo do dialeto carioca está o dialeto catarinense (10,3%). O maior índice é alcançado pelo dialeto gaúcho (16,5%). (RAMOS, 1997, p. 109-110).

A autora pondera, ainda, que há um alto grau de rejeição a todos os dialetos testados quanto a poderem ser considerados “um modelo a ser seguido por todos os brasileiros”: nenhum dos dialetos alcança um índice superior a 50%.

Estudos na área da linguagem apontam, muitas vezes, o fator “estigma” como aspecto intrínseco às situações de fala onde ocorre realização do erre retroflexo, às vezes o indivíduo é alvo de pilhérias e brincadeiras de mau gosto em virtude dessa característica linguística. A realização do erre retroflexo é tida, ainda, como forma “caipira” de se expressar. Sendo assim, há a possibilidade de no bairro Várzea estar ocorrendo a estigmatização da forma retroflexa nas realizações de fala. Serão feitos testes de avaliação subjetiva para verificar se há estigma ou não em relação à variante retroflexa. Em observações assistemáticas, percebemos que há certo grau de estigma associado a essa variante em Lagoa Santa e que as mulheres realizam menos a variante retroflexa.

Verificamos se houve estigma em relação ao erre retroflexo na área em que há variação. O grupo Varfon-Minas pretende ainda verificar se há estigma em relação ao erre retroflexo na área onde não há variação. A hipótese de Viegas, no prelo, é de que o estigma é maior onde há variação e de que há uma relação entre maior estigma do erre retroflexo e progressão da variante não retroflexa. Assim pretendemos responder fundamentalmente à pergunta: Quais são os grupos de fatores sociais e linguísticos que estão favorecendo a presença do erre retroflexo na região de Lagoa Santa? Há estigma atribuído à variante retroflexa na comunidade pesquisada?

Para efeitos do presente projeto seguem as hipóteses: Fatores sociais como faixa etária, gênero exercem influência sobre a variável enfocada nessa pesquisa. A variante retroflexa é estigmatizada pela comuni-

dade pesquisada. A variante fricativa está em progressão na comunidade pesquisada.

Objetivos Específicos: Descrever as realizações da variável (R) em Várzea. Verificar os grupos de fatores que possam interferir para que essas realizações ocorram. Definir o “status” de prestígio ou desprestígio das variantes. Definir a ocorrência de um dos aspectos da variação: mudança em progresso ou variação estável. Contribuir para a formação do corpus dos falares de Minas Gerais do VARFON-MINAS.

3. *Fundamentação teórico-metodológica*

A metodologia adotada para execução dessa pesquisa tem como pressupostos teóricos a teoria da variação e mudança linguística, modelo desenvolvido por Labov, em sua obra *Sociolinguist Patterns*, 1972. O modelo é conhecido também como “sociolinguística quantitativa”, por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

Os procedimentos metodológicos centraram na pesquisa de campo, cujos dados foram coletados sob a forma de entrevistas que incluíam as narrativas pessoais, ou seja, de história de vida dos falantes. Esse método permitiu ao pesquisador conseguir dados da forma mais espontânea possível, proporcionando-lhe a detecção do fenômeno pesquisado. Os dados foram submetidos a tratamento estatístico conforme modelo descrito em Guy & Zilles (2007).

Foram, ainda, realizados testes de reação subjetiva, segundo Labov (1972), para que se possa observar a avaliação do estigma em relação à variante retroflexa na comunidade pesquisada.

Os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos através de gravações de entrevistas individuais¹, digitalizadas, baseadas em narrativas orais do português brasileiro, de falantes do bairro Várzea do município de Lagoa Santa – MG. O termo “narrativa” é entendido, aqui, como sendo o “relato linguístico de eventos passados e acabados, estocados e disponíveis na memória do falante” (TARALLO, 1985, p. 20).

Todas as narrativas foram registradas sem a presença de outros indivíduos que não o documentador e o informante. A opção por esse

¹ Moradores do bairro Várzea.

procedimento visa a permitir que as narrativas fluam o mais espontaneamente possível e que não haja ruídos.

Os informantes tiveram perfil semelhante. Foram todos falantes do português do Brasil, nascidos no bairro Várzea em Lagoa Santa e que não tenham morado em outro bairro no decorrer de suas vidas. Assim todos informantes pertencem ao mesmo grupo social. Todos informantes têm o 1º grau completo, estamos, pois, controlando a escolaridade. Serão garantidos sigilo e anonimato totais aos informantes, não somente para respeitar as normas éticas das pesquisas acadêmicas, como também para propiciar o máximo de espontaneidade durante as gravações.

Essa pesquisa considerou os fatores masculino e feminino para o grupo de fator gênero. Será que homens e mulheres falam diferentemente em relação à variável (R)? Há estudos na área da variação e mudança linguísticas que discorrem sobre o assunto e apontam diferenças nas realizações de fala produzidas por homens e por mulheres.

A seleção do grupo de fator gênero para a realização do trabalho proposto na comunidade da Várzea em Lagoa Santa, intenta observar a fala de mulheres e homens em relação à variável (R) em final de palavra. Em muitos estudos do português brasileiro a retroflexão do “erre” revela-se como estigmatizada pela sociedade, baseando-se nessa premissa o fator “estigma” é um dos aspectos que será observado na comunidade de fala pesquisada. Para sua apuração serão aplicados testes de avaliação subjetiva.

O grupo de fator faixa etária, conforme postula Labov (1972), pode influenciar a variação. Sua atuação é condição para que determinada variação se propague. A mudança linguística origina-se num subgrupo da comunidade de fala, atinge todos os membros desse subgrupo e é levada à frente por gerações sucessivas. Serão estudadas duas faixas etárias: jovens de 18 a 30 e adultos de 50 em diante.

De início, as narrativas gravadas serão transcritas ortograficamente, na íntegra, utilizando-se as sugestões do Projeto NURC/SP-1986, com algumas adaptações e/ou modificações próprias para esta pesquisa: será marcada a ocorrência do (R): [ɹ], [ø], [h].

Para essa etapa do trabalho - *transcrição das gravações* – serão utilizadas as sugestões do Projeto NURC/SP-1986, com algumas adaptações próprias, conforme já se disse, que viessem atender a pesquisa em especial. As convenções ortográficas utilizadas na transcrição têm o obje-

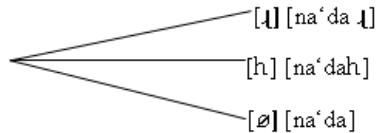
tivo de alcançar um bom nível de fidelidade em relação aos dados originais, ou seja, os registros das narrativas orais. Será feita a codificação das variáveis independentes verificadas nas entrevistas.

Foi utilizado o programa de regras variáveis *VARBRUL* (versão de 1992). Esse programa calcula a porcentagem de cada fator, em relação à variável dependente considerada.

3.1. Descrição das variantes e dos grupos de fatores a serem analisados

Para este estudo foi selecionada a variável (R) em final de palavra que, seguida de consoante ou pausa, pode-se realizar como fricativa ou retroflexa ou pode ainda não se realizar. Então analisamos os contextos em que o (R) aparece em coda externa e em que há variação, pois quando seguida de vogal a realização é sempre *tepe*, ou seja, seguida de vogal parece não haver variação.

Em final de palavra seguida de consoante ou pausa: (R)



3.2. Fatores considerados

3.2.1. Os grupos de fatores linguísticos

Observaremos se existe atuação de fatores linguísticos na realização das variantes. Foram averiguados aqui: a vogal precedente à variável (R), o contexto seguinte a pausa ou consoante, o tipo de consoante seguinte à variável (R), caso haja, a tonicidade da sílaba em que está a variável (R).

3.2.2. Os grupos de fatores sociais

Os grupos de fatores sociais para o estudo proposto são: gênero, faixa etária, considerando-se, então, para o trabalho dois fatores distintos em cada grupo de fator.

No grupo de faixa etária, a primeira faixa etária engloba falantes da idade entre 18 a 30 anos – ou seja, jovens e adultos, estudantes e iniciantes no campo de trabalho; a segunda faixa etária acima de 50 anos e está composta de adultos maduros, trabalhadores.

Outro grupo de fatores que foi considerado – o grupo de fatores: Sexo –, incluído na presente pesquisa pelas razões expostas a seguir. A maioria dos estudos sociolinguísticos já realizados e que incluíram o fator sexo (masculino e feminino) concluíram que as mulheres empregam menos a linguagem estigmatizada e variáveis fora do padrão do que os homens do mesmo grupo social, nas mesmas circunstâncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- AGUILERA, V.A. *Atlas linguístico do Paraná*. Londrina: Uel, 1994.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Nas trilhas do -R retroflexo*. Tese de doutorado em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CALLOU, D., MORAES, J.; LEITE, Y. *A realização das consoantes posvocálicas no português do Brasil*. In: Gramática do português falado. Campinas: Unicamp, 1998.
- CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHEN, M.; W. S-Y WANG. Sound change: actuation and implementation. *Language*, v. 51, n. 2, p. 255-281, 1975.
- COHEN, M. A. A. Estudos da fala rural: a retroflexão do erre e a neutralização rural/urbano. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA, V, 2007. Belo Horizonte. [Caderno de Resumos]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007, p. 408.
- CORREA, Maria Marilda. Um pouco de nossa história. Crônicas de Maria Marilda: histórias pesquisadas ao pé do ouvido. Revista virtual da cidade. Disponível em:
<http://www.lagoasanta.com.br/cronicas/maria_marilda/cronicas-marilda-ago-09.htm>. Acesso em: 27 de setembro de 2010.

FERRAZ, Irineu da Silva. *Características fonético-acústicas do / r / retroflexo, uma das variantes dos sons de / r / de Pato Branco (PR)*. 2005. 99 f. Dissertação de mestrado em Linguística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word*, 1958 *apud* PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 33-34.

ELIA, Sílvio. *A unidade linguística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for applied linguistics, 1966.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Empirical foundations of linguistic theory: the scope of american linguistics*. R. Austerlitz (ed.) Lisse: The Peter de Ridde Press, 1975a.

_____. Building on empirical foundations. In: W. Lehmann e Y. Malkiel (Eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982, p. 79-92.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistics change: social factors*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 2001.

LEHISTE, I. *Acoustical characteristics of selected English consonants*. The Hague: Mouton, 1962, p. 51-115.

LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes linguísticas: A variante retroflexa em foco*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Campinas, 2004.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducion Socilinguistics*. New York: Routledge, 2006.

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. Oxford: B. Blackwell, 1987.

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, M. A. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Ensaio de Linguística*, ano IV, no 7:71-89. UFMG. 1981.

_____. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, jul/dez., 1992.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática. 2002.

_____. *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 34-40.

RAMOS, Jânia M. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, 1997, n. 5, v. 1, p. 103-125.

RENNICKE, Liris. *As atitudes linguísticas perante o / r / retroflexo em Belo Horizonte, MG*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Helsinque, Finlândia, 2010.

REVISTA VIRTUAL DA CIDADE. *Mapa da cidade*. Lagoa Santa, 2010. Disponível em: <http://www.lagoasanta.com.br>. Acesso em: 05-10-2010.

RIBEIRO, José et alii. *Esboço de atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: MEC. Casa de Rui Barbosa. Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, p. 239-264, 1996.

_____. Preconceito linguístico, variação linguística e ensino. Rio de Janeiro: *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Preconceito Linguístico e

Cânone Literário, n. 36. Entrevista concedida a Juçara Abraçado. [1º. Semestre de 2008], p. 13.

SILVA, Thais Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Thais Cristóforo; MARTINS, Raquel Fontes. O cancelamento das líquidas intervocálicas no português. In: REIS, César (Org.). *Estudo em fonética e fonologia do português*. ISBN 85-87 470-23 X. FALE-UFMG. 2002

WEINREICH, U. M.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics*, Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-189.

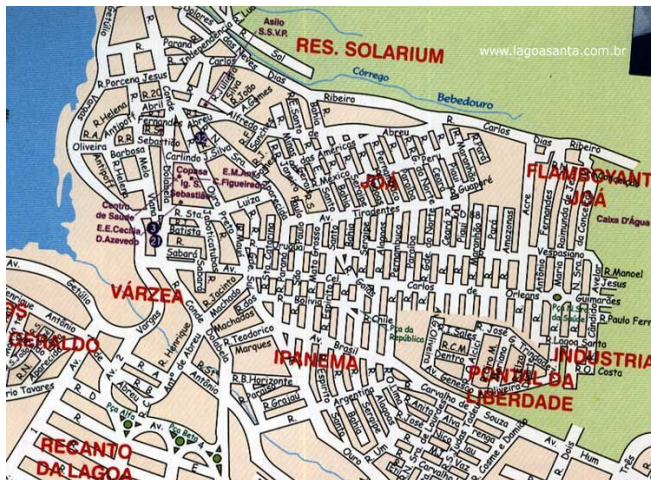
WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/caipira>

Anexo 1- Mapa da localização do município de Lagoa Santa em Minas Gerais.



Fonte: Instituto de Geociências Aplicadas (IGA)- Belo Horizonte, 1999.

Anexo 2 -Localização do bairro Várzea na cidade de Lagoa Santa



Fonte: Revista Virtual da Cidade. Mapa da cidade. Lagoa Santa, 2010. Disponível em: <http://www.lagoasanta.com.br>